

# Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 301

1º de agosto de 2015

## [versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.  
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.  
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite a todos, sejam bem-vindos.

Espero que a nova página esteja funcionando a contento. Claro que no começo há alguma dificuldade, mas não tanto quanto havia antes. Algumas pessoas reclamaram de não poder baixar o vídeo, mas esta foi a única maneira que tivemos de, pelo menos, diminuir a pirataria, pois estava chegando a um ponto do absurdo: o curso já estava sendo exposto gratuitamente para milhões de pessoas. Assim não vai, não quero tanta divulgação assim.

Queria continuar com o mesmo assunto, aproveitando este segundo artigo do *Diário do Comércio*, sob o título (não muito bom) “A Igreja Humilhada”. É evidente que tudo que eu coloco no *Diário do Comércio* subentende muitas explicações que não tem como espremer em artigo de jornal, então são dadas aqui nesta aula. Estou consciente que só quem acompanha realmente meu pensamento, quem o conhece, são os alunos, o público em geral têm umas amostras aqui ou ali.

As pessoas deveriam ter a prudência de imaginar que essas amostras que eles estão recebendo não são tudo e que por trás do que está sendo dito ali existem muito mais explicações, argumentos e fundamentações. Mas sabem como é: tem o problema da síndrome de Dunning-Kruger; as pessoas, às vezes, são incapazes de imaginar que alguém é mais inteligente, mais competente ou mais atencioso do que elas mesmas, então imaginam que se aquilo foi o que eu disse aquilo é tudo o que eu sei e dá para julgar a obra inteira de uma pessoa a partir de um ou dois artigos.

O número de pessoas que fazem isso é assombroso, o que faz disso um indício sociológico importante e, na verdade, até atemorizante. Quando vemos a camada leitora da população julgando as coisas desta maneira é porque de fato a razão, a prudência e o bom senso foram proibidos e só o que está vigorando é o apelo emocional justamente às pessoas mais fracas, como neste caso do leão Cecil<sup>1</sup>. As pessoas reagem pela quantidade de notícias que recebem na mídia, não são capazes de filtrar o que está saindo e imaginar qual é a realidade mesmo, quais são as proporções reais por trás do noticiário. Se a coisa é noticiada mil vezes, acham que a importância é mil, se é noticiada uma vez, a importância é um e se não é noticiada nunca, é porque não tem importância nenhuma.

O servilismo das pessoas perante a mídia é uma coisa assombrosa e todas as pessoas, sem dúvida dizem: “eu penso com seus próprios miolos, eu tenho minhas opiniões próprias, etc”.

---

<sup>1</sup> <http://g1.globo.com/natureza/noticia/filho-de-leao-cecil-e-morto-por-cacadores-de-trofeus.ghtml>

[03:20] É uma coisa tão ridícula, que em outros países é compensada pela existência de um debate intelectual: as pessoas sabem que existem alguns indivíduos e grupos mais preparados que estão discutindo as coisas e que é no mínimo imprudente opinar sem você acompanhar essas discussões mais sérias. Mas fora disso o que você vê é o apelo emocional mais pueril que pode existir é o que funciona mais.

Esses dias mesmos saiu, em sites do Zimbábue e da Tanzânia, gente de lá reclamando dessa onda de culto ao leão. Dizendo: “pô, quando o leão mata a gente, vocês não falam nada”. [04:10] Não falam mesmo. Agora, se a mídia não fala, o pessoal também não liga ou imagina que a coisa não aconteceu, porque a mídia, como o próprio nome diz, é um meio – portanto, que está no meio da sociedade, é o que interconecta as várias partes – então, só o que sai na mídia é o que tem validade pública, tem credibilidade pública, o resto não tem. O que não quer dizer que não tenha acontecido. Como nas últimas décadas, a classe jornalística, não só no Brasil, mas em outros países, foi se tornando cada vez mais uma classe militante, e não está interessada em registrar os fatos, mas em favorecer certas agendas, então a coisa virou um deus-nos-acuda, estamos entrando realmente em um ambiente de hospício.

Hoje mesmo saiu mais coisa em relação ao leão: que há um atirador profissional disposto a matar o tal do dentista, o governo colocou os agentes federais para procurar o tal do dentista, quer dizer, uma operação monstro. Curioso é que no mesmo dia em que o governo americano diz que ia tomar providências contra o dentista, neste mesmo dia apareceu o porta-voz da presidência, o assessor de imprensa do Obama, dizendo que aqueles vídeos que mostram os pedaços de fetos da Planned Parenthood<sup>2</sup> são falsos. E disse isso um dia depois da notícia; quer dizer, não houve investigação nenhuma, é uma tomada de posição em defesa da Planned Parenthood, independente de qualquer investigação. É claro que os vídeos não são falsos, a coisa é mais do que evidente, mas a palavra da presidência dos Estados Unidos ainda tem algum peso, por incrível que pareça. Veja que segundo as últimas pesquisas, Obama não sairia vencedor se fosse candidato a um terceiro mandato, apenas 30% votariam nele, mas esta quantidade ainda aprovarem Obama, depois de tudo que ele fez, é ainda assombroso, é o milagre da mídia.

Todos vocês enquanto meus alunos têm a obrigação de nunca levar a sério o que sai na mídia. Mesmo quando é verdade o negócio é sempre recortado de uma maneira a favorecer determinadas agendas e isto está ficando cada vez mais claro. Vocês têm de buscar outras fontes de informação, e quanto mais direta e primária, melhor, evidentemente: o depoimento das próprias pessoas envolvidas, documentos de fontes primárias etc. É nisto que nós temos de confiar. Na pior das hipóteses, artigos científicos publicados em revistas aparentemente respeitáveis. Se bem que hoje em dia até nisso não dá para confiar muito. Que o povão vá atrás da mídia – o público do Sílvia Santos, do Faustão siga a mídia, tudo bem – mas pessoas que têm uma formação dita superior não podem fazer isso em hipótese nenhuma. Nos anos 60, ou ainda 70, qualquer intelectual que se guiasse pela mídia era objeto de chacota, ninguém fazia isso, todo mundo sabia que mídia é para o povão, mídia é mídia popular, não é jamais uma fonte confiável.

Agora, passado um tempo, aconteceu um fenômeno que, curiosamente, naquela mesma época eu previ. Escrevi um estudo chamado de “Imprensa e Cultura” e disse que o tempo em que a mídia popular ecoava a produção cultural tinha acabado, ela ia passar a moldar a produção cultural. E isso de fato aconteceu. A mídia vai criar os parâmetros e a linguagem na qual as

---

<sup>2</sup> <http://www.acidigital.com/noticias/ex-funcionaria-da-planned-parenthood-revela-o-que-a-gigante-do-aborto-faz-com-orgaos-de-bebes-27783> e <http://veja.abril.com.br/blog/felipe-moura-brasil/videos-fundamentais-8220-a-mais-importante-questao-sobre-o-aborto-8221-e-8220-a-verdade-sobre-a-planned-parenthood-8221>

peças têm de se comunicar porque senão elas não são entendidas ou são marginalizadas. Veja esta matéria que jornal *O Globo* fez sobre o Carlos Andreazza<sup>3</sup> – e é muito justo que faça pois ele tem feito um trabalho espetacular, é o editor de maior sucesso e não tem mais como escondê-lo – porém, nos anos 60 as maiores editoras que existiam no país eram a José Olympio e a Livraria Editora Martins, e tanto José Olympio Pereira quanto o dono da Martins, José de Barro Martins, eram homens conservadores. Tinham um concorrente de esquerda, Ênio Silveira, que não tinha tanto sucesso quanto eles, pelo menos não tinha a importância histórica que estes dois tinham. Depois morreram os três e veio uma nova geração de editores que já refletia a ocupação de espaços pela turminha da esquerda. De repente, todas as editoras começaram a ficar de esquerda e nenhum jornal registrou isso, nenhum disse que houve uma mudança ideológica no quadro editorial nacional de modo que o esquerdismo foi se impondo como se fosse a norma. Ele não é esquerdismo, é simplesmente a normalidade.

Passadas quatro décadas, aparece um editor conservador e a primeira coisa que se diz quando se fala dele é que é conservador, que é um homem de direita. Ao passo que quando se fala na mídia de intelectuais de esquerda ninguém diz que é de esquerda, muito menos que é comunista. Fala-se do sujeito mostrando as suas glórias intelectuais, o seu belo currículo, as suas obras etc. e a identidade ideológica não precisa ser mencionada porque ele está na normalidade. Mas se aparece um cara da direita, a primeira coisa que tem de dizer é que é de direita. Até as realizações intelectuais podem ficar para segundo plano, [0:10] mas o carimbo ideológico tem de entrar em primeiro lugar. Isto é a maior prova de que a mídia é 100% um instrumento da esquerda. Mesmo que não fosse, mesmo que a mídia estivesse dividida entre direitistas e esquerdistas, se eles assumem o seu papel de militantes, de agentes de transformação, acabou o jornalismo, você não pode confiar mais.

Antigamente quando comecei a trabalhar, pouco importava a sua orientação ideológica: tinha certos critérios de jornalismo que ia ter de obedecer de qualquer maneira, não tinha como escapar. Ser esquerdista não era um pretexto para fazer um sub-jornalismo, mas hoje é: hoje ele legitima o sub-jornalismo desde que seja de esquerda. Isto está chegando em um ponto onde realmente começou a fazer mal para as pessoas: começa a baixar o nível de inteligência, de consciência. E na medida em que baixa isso as pessoas perdem seu centro, ficam desgobernadas e começam até a sofrer uma deterioração física: ficam mais fracas, mais burras. É um negócio assombroso o que está acontecendo.

Isto aí é mais um motivo para que este curso exista: tentar compensar, na medida do possível, para um círculo reduzido, mas significativo de pessoas, os efeitos dessa degradação geral que já ultrapassou o descritível. Nem tenho mais vontade de escrever a este respeito pois o que quer que escreva será sempre eufemístico em comparação ao que está acontecendo mesmo. Por isso mesmo estas notinhas que coloco na mídia são só índices da verdadeira explicação que vai ser dada em aula. Só este tema destes dois artigos já dá para dar um curso de um ano inteiro a respeito disso. Imagine só as referências que têm aqui. Quantos brasileiros, quantos leitores do *Diário do Comércio*, acha que leram uma linha de Aristóteles ou de São Tomás de Aquino, por exemplo? Praticamente nenhum. Agora se fala de Frithjof Schuon, René Guénon, Ananda Coomaraswamy, Herman Dooyeweerd, eles nunca ouviram falar disso, não sabem do que estou dizendo. Teve um que confessou, dizendo que essas referências ultrapassavam seu horizonte. [0:12:35] E ele tem razão. Isto é para mostrar para vocês que para entender esse assunto, para poder ter uma opinião a este respeito, vai ter de estudar um bocado.

---

<sup>3</sup> <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/editor-de-nomes-conservadores-carlos-andreazza-se-firma-como-voz-dissonante-do-mercado-de-livros-17021179>

Aqui, só as referências são as que vocês já têm, estou falando destes autores há muito tempo. Só do Dooyeweerd falei pouco porque também conhecia pouco, agora estou lendo com mais atenção as obras deste grande filósofo holandês calvinista e que sob muitos aspectos se parece com Eric Voegelin. Mas é um pouco mais militante por ser um membro da igreja calvinista.

Por falar nisso, queria lembrar uma coisa a vocês: quem inventou a figura do intelectual moderno foi Dante Alighieri. Ele foi o primeiro sujeito que apareceu falando em público sem representar nada nem ninguém: não representava uma igreja, um governo, uma corrente política, só vinha lá com algo que é *majestas veritatis*, a majestade da verdade: o que estou falando é verdade, se não for, você me mostra; a voz individual que fala apenas em nome da verdade tal como o indivíduo a percebe. Está é a definição do intelectual moderno, porém isto está desaparecendo. Nas últimas décadas, você não julga mais a palavra dos intelectuais pelo conteúdo do que estão dizendo mas por quem representam: tem de representar uma universidade, igreja, partido político ou grande empresa – sujeito é o CEO não sei de onde. Então, já tem um currículo que não é feito de obras mas que é feito de cargos ocupados. Isto é uma coisa que está cada vez mais saliente. Isto quer dizer que a figura do intelectual moderno está desaparecendo e vem no lugar a figura do burocrata, do cabo eleitoral, do agente de transformação etc. Ora, se desaparece a figura do intelectual moderno, desaparece também toda a diferença específica entre as sociedades do Ocidente e qualquer sociedade autoritária do Oriente, onde não há opinião individual. Acabou a democracia. Não faz sentido você falar em democracia. Onde as pessoas só podem abrir a boca em nome de alguma coisa ou de uma entidade que o transcende.

Aquele livro do Russel Jacoby, *Os Últimos Intelectuais*, é muito importante para entender esse processo: já é um livro da década de 80 e este processo já estava avançado nos Estados Unidos. É claro que um dos grandes responsáveis por este processo são as universidades, na medida em que absorvem todo mundo. Veja que a vida intelectual na França praticamente acabou depois que os intelectuais foram absorvidos pela universidade na década de 70 e 80, no tempo de Georges Pompidou. Ele achou que a maneira de acalmar a mentalidade *enragé* era dar emprego para todo mundo. Fez isso e acabou a vida intelectual.

O tema que levanto nestes artigos não vejo tocado, nem de longe, em toda a mídia, inclusive a mídia universitária: não há pessoas no mundo universitário capacitadas para discutir este assunto. E por que não há? Isto não quer dizer que ninguém ali jamais tenha lido René Guénon ou Schuon. Muitos leram, mas a primeira coisa que fazem é buscar um grupo guenoniano, uma tarifa, uma iniciação etc. e então viram militantes guenonianos. Então, daí não se pode confiar mais. Pelo menos no tempo em que estive metido nisso, tive a prudência de não sair escrevendo coisa em público. O que escrevia na época era restrito, era para um público muito pequeno e nem de longe pensava em sair fazendo propaganda destas coisas para o mundo.

Vou ler este artigo “A Igreja humilhada (II)”<sup>4</sup> e dar alguns dados a mais que não cabiam nele:

Condenar a cosmologia medieval porque em alguns pontos ela não coincide com os “fatos observáveis do mundo físico” é tão estúpido quanto condenar um desenho por não haver correspondência biunívoca entre os traços a lápis e as moléculas que compõem o objeto retratado.

Veja que, por exemplo, toda a discussão popular a respeito de astrologia é colocada nestes termos. Existe uma correspondência biunívoca, quer dizer, cada posição astrológica corresponde a um fato determinado do mundo terrestre ou não? Os astrólogos dizem que sim

---

<sup>4</sup> <http://www.seminariodefilosofia.org/a-igreja-humilhada-ii>

e os antiastrólogos dizem que não. Só que o problema não é este: as órbitas planetárias não são uma coleção de bolinhas que ficam girando a esmo. Não, existe uma relação interna entre elas: constituem um sistema, uma estrutura, portanto, toda comparação só pode ser feita entre um desenho de uma estrutura celeste e o desenho de uma situação terrestre. E o fato é que não existe nas Ciências Humanas um instrumento para fazer isso. Então, a discussão cai para o terreno da correspondência biunívoca: uns tentando provar que ela existe e outros tentando provar que não. Ora, se provar que existe, não quer dizer nada e se provar que não existe também não quer dizer nada, porque, evidentemente, não se trata disso.

Estruturas representativas abrangentes só podem ser compreendidas e julgadas como totalidades. O fisicalismo ingênuo, apegando-se aos detalhes mais visíveis, deixa sempre escapar o essencial. (...)

Isso está assim desde por volta de 1600, quando descobriam algo chamado 'fatos do mundo físico'. Veja que 'fato do mundo físico' nunca é um 'fato do mundo físico': ele é um recorte abstrativo operado por um cientista que separa um aspecto do fato dos outros aspectos do fato. Por exemplo, quando Galileu fala de uma superfície sem atrito não existe superfície sem atrito: uma bola rolar em uma superfície sem atrito nunca aconteceu nem vai acontecer. Mas para fins do experimento ele faz abstração do atrito. Então Galileu não está falando de uma bola de verdade rolando em uma superfície de verdade, está falando de um modelo matemático que jamais se realizou no mundo. [0:20] Basta levar isto em conta para ver que todo o debate que surgiu naquela época, entre a nova ciência que apareceu e a ciência medieval, estava completamente fora do lugar. É uma conversa de maluco: um está falando uma coisa e um está falando de outra completamente diferente e para fazer mediação entre as duas dá um trabalho miserável.

(...) A Física de Aristóteles foi rejeitada no início da modernidade porque dizia que as órbitas dos planetas eram circulares (...)

E não elípticas, como provou Kepler.

(...) e porque sua explicação da queda dos corpos não coincidia com a de Galileu.

Só no século XX o mundo acadêmico entendeu que, retiradas essas miudezas, o valor da obra persistia intacto justamente porque não era uma “física” no sentido moderno do termo e sim uma metodologia geral das ciências.

É uma coisa que qualquer leitor inteligente da Física percebe: Aristóteles não está fazendo uma ciência física, está discutindo as condições para o conhecimento do mundo físico. E as observações que ele faz são certíssimas, embora pareçam contrastar com alguns hábitos modernos. Como, por exemplo, quando diz que é contra o método matemático porque não há medidas exatas em parte alguma da natureza. Levou quatro séculos para entenderem isso quando veio a física quântica e demonstrou exatamente isso. Só que na época estava a onda de matemática, Newton coloca a regra de qualquer pretensão de teoria científica que não passe no teste matemático não deve ser levada a sério, todo mundo acredita nisso, e existe uma idolatria das matemáticas durante três séculos. Até chegar ao tempo da física relativista e da física quântica que mostra que se chega, no máximo, a uma aproximação estatística, que era exatamente o que Aristóteles estava dizendo.

Acontece que no tempo de Aristóteles não havia instrumentos para lidar com essas sutilezas estatísticas. Estes instrumentos foram criados nesse ínterim. E Aristóteles, vendo que não haviam quantidades exatas na natureza, afasta o método matemático, porque no tempo dele

esse método realmente não estava pronto para lidar com estas coisas imprecisas. Depois criaram estes instrumentos e portanto a objeção aristotélica deixa de valer; valia para a ciência do tempo dele, não vale mais agora porque agora temos os meios. E quais fora esses meios? O cálculo inventando pelo próprio Newton e por Leibniz, que permite chegar a aproximações que antes eram absolutamente inconcebíveis. Agora temos o cálculo e podemos usar o método matemático de novo. Mas tudo que Aristóteles neste ínterim falou sobre a observação e conhecimento da natureza continua válido, só que porque não havia correspondência biunívoca entre cada frase de Aristóteles e cada fato científico observado, jogaram o que ele disse [0:23:16] fora.

É claro que isso é uma perda: deixaram de compreender coisas que eram importantes de compreender e que talvez os tivesse colocado na pista certa muito antes se tivessem continuado a prestar atenção.

(...) Quatro séculos de orgulhosas cretinices científicas haviam tornado incompreensível um texto com o qual ainda se pode aprender muita coisa (v. as atas do congresso da Unesco *Penser avec Aristote*, org. M. A. Sinaceur, Toulouse. Érès, 1991).

E aqui cito este congresso feito por ocasião, acho, dos dois mil e quinhentos anos de Aristóteles pela Unesco: *Penser avec Aristote*, uma coleção de trabalhos. A maior parte dos contribuintes não são filósofos, são cientistas no sentido estrito – biólogos, matemáticos etc. – e a conclusão geral é esta: perdemos muita coisa na hora em que jogamos este livro fora.

Toda a simbólica natural da qual o cristianismo só pode prescindir em prejuízo próprio desapareceu de circulação porque, visto com os olhos do fisicalismo ingênuo, o debate entre geocentrismo e heliocentrismo parecia colocar fora de moda o desenho medieval das sete esferas planetárias, uma concepção cosmo-antropológica enormemente complexa e sutil.

O simples fato de que o céu visível a olho nu continue aparecendo como aparecia para Ptolomeu deveria fazer as pessoas pensarem um pouco. É claro que vendo as coisas desde outro ponto de vista, aliás, imaginário e fazendo os cálculos, você obtém uma outra representação do mapa celeste. Mas nós continuamos vendo daquele jeito e aquele jeito era usado como um retrato da condição humana como um todo. Então o fato de o desenho material ser outro não pode interferir em uma coisa dessas. Isto deveria ser evidente, mas acontece que, justamente a partir da época de Newton começa a se criar algo que se chama opinião pública. E a opinião pública o que é? É a opinião dos falantes, das pessoas que falam mais. A partir daí, as questões não são decididas mais na esfera do argumento razoável, mas na esfera do consenso: se a maioria aprovou, aquilo fica uma verdade incontestável. Até hoje é assim, você não se pode discutir certas coisas. Quando você diz uma coisa óbvia a respeito do evolucionismo: não existe uma única prova laboratorial que confirme o evolucionismo, nada, é zero ou não existe uma única prova matemática de que a evolução, como eles a descrevem, seja possível.

É o exemplo dado pelo David Berlinski: comece a criar vacas na água e algum dia vão virar baleias, dentro de apenas alguns trilhões de anos. Quantas transformações não seriam necessárias fazer na vaca e quantas transformações falhadas não haveria no meio de maneira que no registro fóssil teria de ter trilhões de cadáveres de vacas-baleias falhadas. Não é uma que parece com uma vaca-baleia, o elo perdido. Mas um elo perdido não é um processo de três trilhões de anos. Como vai tampar o buraco com um elo perdido? Isso é impossível. Esta questão, no meu entender, vai ficar em aberto para sempre. Porém, o simples fato de dizer isso, que é uma obviedade que ninguém é capaz de contestar, já enfurece toda uma categoria profissional que precisa do evolucionismo para viver. Então não há mais condição de uma discussão séria. Mesmo a própria ideia de consenso, quantas pessoas você precisa para formar

um consenso, quantas estão de um lado e quantas estão de outro? Essa conta nunca foi feita. Assim, o consenso são as pessoas que falam mais, que têm mais presença na mídia ou que controlam publicações científicas etc.

Vejam o que aconteceu: se do universo da cultura cristã desaparece o simbolismo da natureza, quer dizer, a natureza não é mais um meio translúcido no qual possamos ler intenções divinas: Deus não fala conosco através dos fatos do mundo físico, só fala na Bíblia. Se Ele só fala na Bíblia, então você tem de aceitar a Reforma Protestante. Acabou tudo, só a Bíblia fala, *sola scriptura*, acabou. A Reforma Protestante foi anterior a este processo, mas se a Igreja Católica não tem mais como ler os indícios nos fatos da natureza, então só nos resta ler a Bíblia e acabou, teria de concordar com a Reforma.

Em segundo lugar, desaparecendo o simbolismo da natureza, desaparece automaticamente o significado dos milagres. Como você vai julgar a importância e a validade de um milagre a não ser contra, em contraste com uma certa concepção da natureza? Por exemplo, até o advento da chamada ciência moderna, ninguém jamais pensou que um milagre fosse algo que desmentisse as leis da natureza, ninguém pensava isso. Esta concepção só aparece a partir do momento em que a nova concepção de Newton, Galileu etc. se torna dominante. Se Newton e Galileu são os porta-vozes da verdadeira legalidade divina que constitui a natureza, e essa legalidade é feita de regularidades que se repetem e são relações necessárias e constantes entre as coisas, então é evidente que só podemos definir um milagre como algo que sai fora dessa normalidade, [0:30] o que é uma definição que nada tem de cristã, é uma adaptação posterior feita na linguagem de um adversário, por assim dizer.

Desaparece o simbolismo da natureza, desaparecem os milagres, o que sobra? Sobra a moral. A moral cristã de fato, não mudou durante esse período e se torna então o conteúdo único da pregação. Veja que hoje encontrar um padre que fale de milagres é ele próprio um milagre. Curiosamente isso em uma época em que a própria ciência desenvolveu instrumentos muito mais sutis, muito mais aprimorados, muito mais exatos, acurados, do que antigamente para estudar o fenômeno dos milagres, como é o caso que você vê nos vídeos do doutor Ricardo Castañon, que são indispensáveis.

Na conferência “O Que é um Milagre?”, expliquei que definir o milagre como algo que viola as leis da natureza é um absurdo total, porque isso pressupõe que você conheça todas as leis da natureza, o que de fato não conhece; a própria ciência admite que o que conhece é um fragmento. Então como você vai saber se aquilo que parece violar uma lei X, não está obedecendo uma lei mais universal, mais genérica? Você não sabe isso. Assim, é claro que um milagre não pode ser explicado nem definido desta maneira, mas de certo modo a própria palavra *miraculum*, “aquilo que merece ser observado, que merece ser visto”, já está indicando que um milagre não é só algo que acontece no mundo físico, é algo que fala a você, algo que vem com um discurso subentendido.

Por exemplo, o caso daquela menina que enxerga sem pupilas. Ela enxergar sem pupilas é, sem dúvida, um fenômeno biológico extraordinário. Mas essa menina ter ouvido falar do padre Pio, ter acreditado no padre Pio e fazer uma peregrinação até lá, encontrar o padre Pio, tudo isso não é um fenômeno biológico. Por que ela fez isso? Por que não foi procurar, por exemplo, o Inri Cristo ou o bispo Macedo, que fazem promessas fantásticas? Você teria de dar uma explicação histórica daquele acontecimento singular em todos os seus elos: a menina pediu algo, não só pediu com a boca mas foi buscar, e houve uma resposta. E isto é a coisa fundamental no milagre: não tem como estudá-lo só pelo aspecto da ciência física, precisaria fazer uma conexão. E esta

conexão entre os fenômenos do mundo físico e a intencionalidade divina está no quê? Está no simbolismo da natureza. Se não está ali, não está mais em lugar nenhum.

Expelido do universo intelectual respeitável, o simbolismo natural só sobreviveu como fornecedor ocasional de figuras de linguagem com que os poetas sentimentais da modernidade, carentes de toda compreensão espiritual e extasiados na contemplação do próprio umbigo, projetavam nas formas da natureza visível as suas emoçõezinhas. Georges Bernanos escreveu em *L'Imposture* algumas páginas devastadoras contra esse empobrecimento do imaginário moderno.

Tenho aqui o volume das obras de ficção completa do George Bernanos, mas procurei este trecho que li muitos anos atrás mas não consegui achar. Inclusive uma vez fiz uma tradução deste texto e coloquei em um curso de como ler livros de alquimia. Isto pode estar em algum lugar do meu site, do próprio COF, não sei onde está isso. Mas quem achar, por favor, coloque em circulação novamente.

Os estudiosos que conservaram o interesse pelo velho tema tornaram-se esquisitões marginalizados não só pela classe universitária como também pela própria intelectualidade católica, mais interessada em fazer boa figura ante o fisicalismo acadêmico do que em defender o patrimônio simbólico da religião.

Ou seja, os termos nos quais o debate foi colocado entre o tempo de Newton e o tempo de Kant foram aceitos pela Igreja. É um problema de ciência versus religião ou razão versus fé. É uma maneira completamente errada de colocar o problema porque se digo que em toda a Bíblia não existe ciência, conhecimento, e se tudo na Bíblia é apenas matéria de fé, então é evidente que todo mundo está livre para [...], não há mais razões para acreditar do que não acreditar. Isso se torna apenas o exercício de uma liberdade: acreditar em qualquer coisa. A partir da hora em que fez isso você nivelou sua religião a qualquer coisa que as pessoas tenham. O sujeito que acredita na Fraternidade Esotérica do Repolho Místico. Ele é um crente tanto quanto o crente católico, protestante, islâmico ou qualquer um.

É claro que isso já vicia toda a discussão. O certo seria colocar a ciência da Bíblia e da tradição católica contra a ciência moderna. Mas os caras já não podiam fazer isso porque eles também já não entendiam a ciência cristã, já a tinham perdido completamente. Então, de fato, sobrou somente a fé na mão. Isso aí é um erro que foi se acumulando ao longo dos séculos e se condensa em uma espécie de engano universal. E é claro que o grande sacerdote desse engano é a mídia, que cria e mantém os estereótipos de ciência e de fé conforme estão na cabeça dos jornalistas incultos que não sabem nem o que é uma coisa nem outra. Quando você vê por fim as igrejas cedendo à cultura moderna cada vez mais é porque aquilo que sobrou na mão delas de fato não é suficiente para enfrentar o adversário, precisaria recuperar todo este patrimônio e ir com a força toda.

Uma obra notabilíssima como *Le Bestiaire du Christ. La Mystérieuse Emblématique de Jésus-Christ*, Bruges, Desclée de Brouwer, 1940, em que o arquiteto Louis Charbonneau-Lassay foi de igreja em igreja copiando e explicando cada símbolo animal de Nosso Senhor Jesus Cristo na arquitetura sacra medieval, passou quase despercebida dos meios católicos (mas, como veremos adiante, foi muito valorizada por autores muçulmanos).

Nesta obra o autor demonstra que praticamente todos os animais representam algum aspecto de Jesus Cristo. Então há todo um vocabulário simbólico muito integrado, muito organizado, muito fino e tudo isso vai desaparecer? Se isto some, estes animais não são mais símbolos de Jesus Cristo, são apenas figuras de linguagem. Já não é mais a natureza que está falando, é apenas um autor, um escritor individual que usa um bicho, uma pedra, uma planta, como uma

figura de linguagem para dizer alguma coisa que ele quer dizer. Onde está a conexão entre o signo e o significado? Só na cabeça daquele escritor.

Mas o simbolismo não é isto: o simbolismo mostra alguma correspondência real entre o símbolo e o simbolizado. Não pode ser uma correspondência perfeita porque senão haveria identidade. A relação de símbolo com o simbolizado é uma relação analógica, ou seja, você precisa subir em um certo grau de universalidade para captar a relação. Se desce, a relação some, ela se torna invisível. Mas visto no seu devido plano, a relação é evidente, como no caso da luz e inteligência, que expliquei a vocês, como está na apostila da Tripla Intuição, e assim muitos outros simbolismos.

Veja que em toda a simbólica tradicional há o senso dialético do simbolismo e da sua inversão. Como, por exemplo, nesta semana todos estão falando de leão: você vê na Bíblia o leão como símbolo de Jesus Cristo e o leão como símbolo do diabo, as duas coisas. Quando ele é uma coisa e quando é outra? Aí é preciso ajustar o foco com o seu devido nível de universalidade para saber quando é uma coisa ou outra. Isso tudo é uma ciência enormemente complexa. [0:40] E se perde-se tudo isso, então vira tudo figura de linguagem. O que sobrou? Sobrou de um lado uma natureza constituída apenas de fatos físicos matematizáveis, que não diz nada, não tem sentido nenhum e onde qualquer investigação de uma intenção ou de uma teleologia é absurda. E por outro lado existem as finalidades humanas inventadas pela cabeça humana, o universo da cultura. Isso quer dizer que natureza e cultura viraram coisas incomunicáveis.

Mesmo escritores que compreendiam a cosmologia medieval só ousavam falar dela em termos de valor estético, ao mesmo tempo que ofereciam as genuflexões de praxe ante a autoridade do fisicalismo acadêmico. Um exemplo característico foi C. S. Lewis, que montou o edifício das suas Crônicas de Narnia sobre o modelo de uma escalada espiritual pelas sete esferas planetárias, mas manteve essa chave simbólica cuidadosamente escondida até que ela fosse descoberta, após a morte do autor, pelo erudito Michael Ward (v. *Planet Narnia. The Seven Heavens in the Imagination of C. S. Lewis*, Oxford University Press, 2008): (...)

Um livro notabilíssimo.

“Seguindo-se à sua conversão – escreve Ward –, Lewis naturalmente considerava as religiões pagãs menos verdadeiras do que o cristianismo, mas, olhando-as sem referência à verdade, sentia que elas possuíam uma beleza superior. A beleza e a verdade podiam e deviam ser distinguidas uma da outra, e ambas da bondade.” (P. 27)

Portanto, você tem esferas separadas. Aquela mesma tragédia da separação das esferas de valor que falava Max Weber na conferência “A Ciência como Vocação”: é uma característica da modernidade esta referência: uma coisa pode ser boa sem ser bela, pode ser verdadeira sem ser bela nem boa, e assim por diante.

Não deixa de ser uma ironia que, restaurando na arte justamente aqueles elementos da simbólica pagã que a cultura da Europa medieval havia absorvido e cristianizado, Lewis ao mesmo tempo se opusesse tão frontalmente à doutrina escolástica segundo a qual o belo, o verdadeiro e o bom – *Unum, Verum, Bonum*, na fórmula de Duns Scott – eram essencialmente a mesma coisa.

Lewis admitia essa separação entre as esferas de valores, então de certo modo apreciava a simbólica pagã antiga como um sistema estético. Mas há aqui uma coisa curiosa: no último livro em que ele escreveu, *Till We Have Faces, Enquanto Tivermos Rostos*,<sup>5</sup> ele reconta o mito de Eros

---

<sup>5</sup> A obra ganhou sua primeira edição no Brasil pela editora Ultimato com o título de *Até que Tenhamos Rostos*. <http://ultimato.com.br/sites/blogdaultimato/2017/06/21/c-s-lewis-inedito-no-brasil-a-obra-definitiva>

e Psique introduzindo algumas pequenas modificações e mudando completamente o sentido da coisa e mostra. E ele mostra através do conflito – a personagem principal é a irmã de Psique, que se chama Orual: uma mulher feia mas que adora sua irmãzinha mais nova, a Psique. São três irmãs: uma que só pensa em dar (Redival), Psique, uma santinha, que é uma deusa, na verdade, e Orual, uma mulher feia mas que tem muito senso de justiça, do que é certo ou errado etc.

Não vou resumir toda a história aqui, mas o livro é narrado pela Orual, e ela escreve o livro como um processo contra os deuses. E se os deuses nos enganam, nos conduzem à desgraça, tragédia, mediante o engodo. Ela vê, por exemplo, que fez certas coisas muito más mas ludibriada pelos deuses. Depois se torna rainha, uma rainha muito boa, mas por mais que tente fazer justiça tudo sai injusto de algum modo. E Lewis dá um jeito de fazer com que o trato dela com os deuses pagãos nos momentos finais se transfigure em uma salvação cristã. É um milagre de obra de arte como raramente se viu, é um livro absolutamente extraordinário. Acho que nunca fiquei tão impressionado com um romance como fiquei com este. E este foi o último livro dele, escreveu, daí morreu e nada mais disse nem lhe foi perguntado.

Se aquela estrutura do mundo pagão, a simbólica dos deuses, contém em germe, simbolicamente, o anúncio da salvação cristã, então alguma verdade tem ali, não é só a beleza, é a beleza como símbolo da verdade. Mas não é só a beleza: é a feiura também. O livro é todo feito de contrastes entre uma beleza fulgurante e um horror desses de você vomitar. E no fim a narrativa é interrompida de repente: a personagem morreu, não escreveu mais nada, fica no ar. Mas fica claro que houve uma salvação cristã, que no momento final ela encontra o Deus verdadeiro, o Deus uno. E ali ela obtém a conexão de tudo que aconteceu na vida dela: ela (Orual) entende tudo no final.

Alguma antevisão da eficácia dessa simbólica como um retrato verdadeiro da estrutura do destino, C. S. Lewis teve, pelo menos no final. Ele nunca falou nada e ficou quietinho, pois ele era um professor de Oxford, e não ia sair dizendo essas coisas que iam jogar pedra nele. Quando ele leu Guénon, disse que era um charlatão, mas está o seguindo: o modo como Lewis trabalha o simbolismo é caracteristicamente guenoniano. Está fazendo que nem o Mircea Eliade: “É preciso ler Guénon, mas não citá-lo jamais”.

A timidez cristã ante os dogmas da modernidade chega a ser obscena.

O filósofo calvinista holandês Herman Dooyeweerd – no mais, um pensador de primeira grandeza – foi um pouco além da timidez.

Alegando que a dialética hegeliana de tese, antítese e síntese só se aplica às coisas relativas, e que tão logo entramos no domínio do absoluto o que vigora é o antagonismo irrecorrível e a necessidade da escolha, ele condena a filosofia escolástica – portanto a cosmologia medieval inteira – por não ter banido completamente os resíduos culturais do paganismo (exigência impossível que, é claro, o próprio calvinismo também não cumpriu).

Expliquei a vocês na última aula a questão das duas dialéticas que são admissíveis no caso onde o Dooyeweerd diz que entre o cristianismo e o paganismo ou entre o cristianismo e a cultura moderna, não existe um terceiro elemento que seja uma síntese que abranja os dois, por isso ao invés de uma relação dialética há um antagonismo irrecorrível e é preciso escolher. Não, não é assim, porque existe uma outra dialética, sobre a qual aliás o próprio Paulo Mercadante escreveu páginas fantásticas a respeito dessa dialética, sobretudo nos seus escritos sobre a física moderna, que é a dialética de absorção, onde um dos elementos, o elemento

aparentemente antagônico, se revela ser apenas um aspecto parcial que já estava contido no outro elemento. Um dos elementos é já a síntese, embora não pareça em um primeiro momento.

O que a escolástica fez? Pegou esses elementos pagãos e os incorporou de tal modo no cristianismo que eles perdem sua autonomia, eles continuam existindo. Tanto continuam existindo que podem ser aproveitados na arquitetura, na poesia, em toda a eloquência, em todas as obras de arte, sem criar antagonismo com o cristianismo. Eles já estão absorvidos. Eram antecipações do cristianismo e que outra coisa poderiam ser? Se existe a revelação – em tal dia o próprio Deus vai encarnar e mudar tudo – então toda a busca de Deus anterior é uma antecipação obviamente. É uma interpretação obscura, com visões parciais e distorcidas, mas a antecipação tem de estar lá, pois o que eles estavam procurando? São Paulo disse que vocês estavam procurando o Deus desconhecido<sup>6</sup>, que era desconhecido e agora é conhecido.

Isto quer dizer que todo o legado simbólico anterior, não só grego mas egípcio, sumério, o que você queira, todo ele é absorvível dentro do cristianismo. É claro que essa absorção não se dá sem que em outro plano de realidade, que não é o da elaboração do simbolismo, das idéias filosóficas, das doutrinas, mas que é o plano do conflito social, isso corresponde a muita violência e muita barbaridade [0:50] que foi feita inclusive contra os pagãos no início do cristianismo. Mas isso é inevitável, esta é uma história que só hoje começa a ser contada: como o cristianismo ocupou o espaço da religião pagã? Não foi só pregação e na doçura, evidentemente. O processo material pelo qual uma doutrina se impõe não tem nada a ver com a validade dessa doutrina: não é porque eu o esmurro para você admitir que  $2+2 = 4$  que  $2+2$  passam a ser 5.

Nesse panorama, não estranha que o patrimônio simbólico desprezado e varrido para baixo do tapete fosse rapidamente colhido por intelectuais muçulmanos interessados, sim, numa restauração da cultura cristã tradicional, mas sob o guiamento e controle sutil... de organizações esotéricas islâmicas.

René Guénon declara isso da maneira o mais nítida possível. Ele diz no livro *Oriente e o Ocidente* que o Ocidente tinha três possibilidades: ou iria cair na barbárie, ou seria islamizado, ou se restauraria a Igreja Católica sob o guiamento sutil de autoridades espirituais islâmicas. É claro que a partir daí você vê que as forças islâmicas tentam as duas coisas: tentam ao mesmo tempo islamizar e operar essa mutação na Igreja Católica e, evidentemente, também, por tabela, nas religiões protestantes. Se a Igreja Católica entrar nessa, os protestantes vão atrás, sem sombra de dúvida.

Ninguém, absolutamente ninguém na Europa cristã desde o século XVI dominou e explicou tão magistralmente o simbolismo espiritual cristão e demonstrou tão valentemente o seu valor cognitivo, e não só estético, como o fizeram René Guénon, Frithjof Schuon, Titus Burckhardt, Jean Borella e outros autores meio impropriamente chamados “perenialistas”.

Esse termo “perenialista” foi inventado pela turma do Schuon, tardiamente, por uma coincidência. Eles lançaram uma editora chamada Sophia Perenes e aí ficou o termo “perenialista”. Mas o Guénon nunca aprovou este título, nunca se denominou perenialista, então é uma denominação imprecisa: não diz o que eles são, simplesmente mostra onde eles estão.

Todos eles membros de tariqas – organizações esotéricas islâmicas –, e empenhados em abrir na dura carapaça do fisicalismo moderno um rombo por onde pudesse se introduzir a influência intelectual islâmica e avolumar-se até à conquista da hegemonia, (...)

---

<sup>6</sup> Atos 17,22-23

Nesse sentido, veja que, embora Guénon tivesse horror do Gurdjieff, os dois estavam trabalhando para a mesma coisa, porque Gurdjieff entrou no mundo científico ocidental como um touro em uma loja de louça: derrubando tudo, confundindo todas as cabeças, fazendo todo mundo de palhaço e humilhando alguma das melhores cabeças científicas da época, mostrando um conhecimento, um domínio intelectual, muito acima do que eles poderiam ter imaginado. O famoso episódio dos sistemas cosmológicos que relatei na semana passada. Ele criava um sistema cosmológico, escrevia na lousa, os cientistas caíam de costas, dizendo: “ai que maravilha! Então é isto!”, no dia seguinte, já falava que não era disso e fazia outro. Aquilo que para os cientistas era um esforço de uma vida inteira, para Gurdjieff era resolvido 24 horas.

Gurdjieff entrou só pelo aspecto destrutivo e negativo da coisa. E de fato não se entende o ensinamento dele se não sob este aspecto: foi uma intervenção brutal do Oriente no Ocidente. Isto quer dizer que o ensinamento dele não tem validade positiva – isto é importante entender. Gurdjieff foi só um tremendo gozador, mas não um gozador no sentido vulgar da coisa, mas um gozador cósmico, um demônio enviado para bagunçar tudo e bagunçou mesmo. E nesse sentido o pessoal do Guénon não era inimigo dele, pois estavam fazendo apenas a parte mais construtiva que se segue à destruição; estavam tentando colocar novos princípios de uma civilização, inspirados na tradição sufi.

(...) usando o tradicionalismo cristão como força auxiliar, mais ou menos como Jesus, na versão islâmica do Segundo Advento, será rebaixado à segundo-no-comando dos exércitos do Mahdi.

O que é o Mahdi? É o grande justiceiro celeste que virá para islamizar o mundo na porrada e Jesus, nesta versão, estará do lado dele, dizendo “Sim, Senhor. O Senhor tem razão” e o próprio Jesus irá mandar matar todos os infiéis, quer dizer, os que não são muçulmanos. Então é um Jesus que está fazendo ao contrário do que está prometido na Bíblia.

O que este pessoal fez com o tradicionalismo cristão é mais ou menos o que o Mahdi faria com Jesus Cristo no Juízo Final: não vou acabar com você, não vou combatê-lo, mas vou integrar e usá-lo. Toda a obra de Guénon, Schuon etc. não pode ser compreendida exceto neste sentido. Era isto que eles estavam fazendo, não era outra coisa. O livro mais significativo neste aspecto é *O Conhecimento e o Sagrado*, do Seyyed Hossein Nasr<sup>7</sup>, que ganhei do próprio, com dedicatória em árabe.

Conheci o Hossein Nasr, é um homem muito bom, de um brilho intelectual. Foi talvez o mais brilhante aluno do MIT ao longo de toda a sua história, dominava todas as ciências conhecidas e algumas desconhecidas, e um homem muito humilde, muito simpático, que não se envergonhava nem mesmo de servir de guia turístico para um idiota de Terceiro Mundo que chegou lá batendo na porta dele pedindo ajuda. Agora, eu não estou condenando Hossein Nasr, estou simplesmente dizendo o que ele estava fazendo: era um agente da ocupação islâmica, sem sombra de dúvida. E alguém com brilho intelectual que ninguém do outro lado, da intelectualidade católica, teve. Para encontrar algum equivalente remoto, contemporâneo, não tinha. Apareceu na geração seguinte, por obra dele, como o Wolfgang Smith. Ele é tão brilhante como o Hossein Nasr, embora tenha uma obra menor, mas é discípulo e aprendeu com ele.

*Aluno: É correto dizer que dentro da perspectiva de René Guénon é uma mentira, de que a Ocidente tem três opções? Ele quer dizer que a Igreja Católica não tem outra opção a não ser se islamizar.*

---

<sup>7</sup> No original, *Knowledge and The Sacred*. Aparentemente, sem tradução para o português.

Olavo: Claro, ele está falando de uma islamização ostensiva ou uma islamização sutil, na qual a Igreja Católica conserva a sua estrutura, o seu simbolismo, a sua doutrina, mas ela está sendo guiada espiritualmente por autoridades espirituais islâmicas.

*Aluno: Não tem alternativa para a Igreja Católica: ou se islamiza ou se islamiza.*

Olavo: Pois é, é isso que Guénon está dizendo. Na verdade, as hipóteses são duas: ou cai na barbárie ou tem dois métodos de islamização diferentes: com anestesia ou sem anestesia. E é claro que quando você vê essa ocupação islâmica do espaço, é ocupação sem anestesia mas, quando vê a influência sutil desses camaradas nas altas esferas do catolicismo, seja progressista, seja tradicional porque aí não faz a menor diferença, é a ocupação sutil. E eu não sei qual das duas é a mais eficiente.

O pessoal pensa que a ocupação na porrada está muito avançada porque em todo lugar que vão os muçulmanos ocupam o espaço todo, não deixam ninguém entrar, batem, impõem leis etc., mas por outro lado quando você vê o Papa, ao falar do simbolismo da natureza, cita um místico sufi e não um ocidental, Alan de Lille ou qualquer outro dos autores ocidentais que falaram sobre isso, alguma influência tem ali. Ele leu essas coisas, ele está sabendo disso e está de certo modo já tirando o chapéu para eles. [1:00]

Autores não diretamente ligados ao esoterismo islâmico que exploraram o mesmo veio, como Matthila Ghyka, Ananda K. Coomaraswamy e Mircea Eliade, sempre foram devedores intelectuais dos “perennialistas”.

Por exemplo, de toda a produção intelectual dos tradicionalistas, qual é o livro mais significativo que foi escrito contra o Concílio Vaticano II? Até hoje é o livro de Rama Coomaraswamy, *The Destruction of the Christian Tradition*. Ao ler este livro, parece que é Dom Maurice Lefebvre que o escreveu, só que está muito melhor explicado do que o próprio Dom Lefebvre explicava. E, no entanto, o homem era o quê? Um agente de uma tariqa. Isto quer dizer que nestas altas esferas esotéricas está tudo misturado, você não sabe direito quem é quem. O sujeito é aparentemente um intelectual católico, tradicionalista etc., mas tem raiz em uma tariqa, está agindo sob a orientação de um sheik. Esta parte da história ainda terá de ser contada. É claro que quando falo isso, o pessoal católico tradicionalista tenta minimizar porque o vexame é tão grande, que pensam: “Que dizer que tinha um muçulmano nos dirigindo?” Estes intelectuais muçulmanos estavam sinceramente empenhados na restauração do catolicismo tradicional, não estavam enganando, sacaneando ninguém. Eles queriam restaurar a Igreja só que quem vai restaurar serão eles. É só isso que estavam fazendo. Estavam ajudando de algum modo.

Agora, se esta ajuda resultará em uma sujeição sutil da Igreja Católica a autoridades espirituais muçulmanas, não depende delas, depende de como os católicos reagirem. Eles podem perfeitamente dar a volta por cima, não é difícil fazer. Mas só que para isso teria de absorver todo esse legado: absorvê-lo e transcendê-lo. Como isso é difícil de fazer, como dá trabalho, as pessoas podem reagir como C. S. Lewis, dizendo: “isso é charlatanismo”. Ou como o cardeal Daniélou, que ficou brabo com esta coisa, ou como o Jacques Maritain: tem a emoção de escândalo, fica brabo e revoltado. Eles discutem com esses intelectuais, mas não há verdadeiro contato intelectual entre eles, é apenas uma rejeição que não superam, que, na melhor das hipóteses, dá um empate.

É aquilo que tenho explicado nas aulas: nós só vencemos as idéias que são nossas, só discutimos eficazmente contra nós mesmos. Então quando vem a ideia antagônica, eu lamento, mas vai ter de engoli-la, vai ter de absorver tudo e depois dar a volta por cima. Não tem outro jeito. Se você apenas rejeitar, você está brabo, está defendendo a sua ortodoxia, mas não vai conseguir nada.

Com a Reforma Protestante foi assim: quem ganhou a briga? Como diz aquele samba do Moreira da Silva: "até hoje ninguém sabe quem morreu, eu garanto que foi ele, ele garante que fui eu." Quem era católico ficou católico, quem era protestante ficou protestante e até hoje está o confronto estático, ou seja, não há interpenetração verdadeira e não há a superação, nem de uma parte e nem da outra.

Quando a gente vê, por exemplo, Dooyeweerd, o maior pensador protestante do mundo, de longe, eu acho que ele não entendeu o que a escolástica fez. Agora, os escolásticos entenderam o que ele está fazendo? Acho que também não. Ouve falar que a pessoa é calvinista, ele já começam a fugir. Não estou falando que tem de haver um diálogo polido, fraterno, não é isto que estou falando. Tem de haver verdadeiro contato intelectual, verdadeiro e profundo; o que, sem dúvida, dá trabalho e dá conflito. Enquanto você está absorvendo uma ideia antagônica, você está em conflito consigo mesmo. Mas a vida intelectual não é feita desse conflito consigo mesmo? Você quer vida intelectual mas ao mesmo tempo quer ter todos os problemas resolvidos de antemão, não existe dúvida, angústia, sofrimento, nada? Quer moleza? Quando vemos São Tomás de Aquino discutindo com Averróis, ele entendeu Averróis melhor do que o Averróis. Só que São Tomás fazia isso em dois meses, nós, às vezes, levamos vinte anos.

Se hoje em dia a velha cosmologia readquire aos poucos o seu estatuto de conhecimento profundo, necessário e respeitável, multiplicando-se em todas as universidades do mundo civilizado os estudos a respeito, não há como deixar de reconhecer que isso foi devido, sobretudo, à obra de Guénon, de Schuon e de seus seguidores.

Foram eles que quebraram o muro. Uma discussão como a que Wolfgang Smith empreende no livro *O Enigma Quântico* é feita desde dentro: "Vocês estão seguindo a cosmologia medieval sem saber. Fizeram o negócio por outros métodos completamente diferentes e chegaram a tais conclusões que já estavam ditas lá atrás. Vocês é que não entenderam. Se tivessem entendido, teriam chegado aí muito mais rápido." Não é qualquer um que faz isso. Imagine quanto tempo este indivíduo, que é um católico, dedicou ao estudo da física moderna. Ele foi um dos grandes físicos do século XX. Foi ele que resolveu o problema do reingresso dos foguetes espaciais na atmosfera terrestre. Isto não é qualquer um. Quando Wolfgang Smith analisa esta coisa desde o ponto de vista da cosmologia medieval, está analisando algo que domina, algo que é dele também. Claro que isto dá trabalho, mas não há outra maneira de fazer.

"A pedra que os construtores rejeitaram tornou-se a chave de abóbada", profetiza a Bíblia. A profecia ainda não se cumpriu totalmente, mas é óbvio que só a restauração da cosmologia simbólica pode ser a chave de abóbada numa reconstrução da cultura cristã. (...)

Se não tiver isso, nunca vai ser a cultura cristã: vai ser uma cultura moderna adornada com umas palavrinhas cristãs aqui e ali, e é exatamente o que temos hoje. Se você pega a obra de Teilhard de Chardin: o que ele fez? Entrou no mundo do darwinismo, foi completamente possuído pelo espírito de Darwin e daí pegou e pintou em cima umas imagens de anjinhos e de santos etc. e foi isso que fez. Não houve o processamento, houve apenas uma adaptação muito malfeita, quase demagógica: o sujeito quer usar o darwinismo como elemento de uma apologética cristã. Mas a apologética é o último produto de uma elaboração intelectual. Depois que a coisa está resolvida na esfera metafísica, teológica etc. daí se pode começar a se fazer apologética<sup>8</sup>. A apologética não fornece idéias, não fornece soluções, simplesmente fornece argumentos em favor da religião. E o que é a obra inteira do Teilhard de Chardin? É uma apologética católica usando o darwinismo. Para que serve isso? Talvez sirva para enganar meia

---

<sup>8</sup> é a disciplina teológica própria de uma certa religião que se propõe a demonstrar a verdade da própria doutrina, defendendo-a de teses contrárias

dúzia de pessoas. Mas é alguém que vai se converter à religião católica pelos motivos errados: se converter ao catolicismo porque combina com o darwinismo.

(...) Apenas, os muçulmanos perceberam isso antes dos intelectuais cristãos e trataram de utilizá-lo em proveito próprio.

Não foi só em proveito próprio, fizeram muita coisa por nós também, fizeram muita coisa pela Igreja, por todas as igrejas cristãs. Tudo isso que eles fizeram é bom, é útil para nós. É só tirar isso de dentro do esquema estratégico islâmico. Só que daí precisa ter o seu próprio esquema estratégico e você não vai ter um esquema estratégica se você não tem sequer a cosmologia. O que houve foi um estreitamento do horizonte intelectual católico cristão, de modo geral, tanto católico quanto protestante. Foi com isso que fiquei admirado na Romênia: o número de intelectuais romenos que haviam absorvido completamente este negócio de Guénon, Schuon etc. Conheciam tudo, o que não quer dizer que fossem guenonianos mas tinham absorvido. Sem este confronto com este front islâmico, a cultura do Ocidente está condenada.

Guénon na juventude adotou o pseudônimo de Esfinge: “decifra-me ou devoro-te”. Se não quer decifrar, vai ser devorado, que é exatamente o que está acontecendo. Não haveria invasão islâmica nenhuma, não haveria esta subida do terrorismo islâmico. O Islã no começo do século XX estava [1:10] nem de quatro, estava deitado no chão, acabado, caído. De repente, ressurgiu como uma força espetacular que aterroriza o mundo. Isto não teria acontecido se a briga não tivesse sido perdida na esfera intelectual primeiro.

Temos uma dívida para com Guénon, Schuon e tutti quanti? É claro que temos. Eles nos devolveram o que era nosso, mesmo fingindo que era deles. (...)

Estava falando do livro *O Conhecimento e o Sagrado*: ele conta a história dos conhecimentos espirituais no Ocidente sob um ponto de vista que mostra que só o Guénon foi herdeiro disso. Tudo converge para a pessoa dele e de Schuon: o que não corresponde à verdade; corresponde em parte à verdade histórica, mas não corresponde totalmente. O autor, Seyyed Hossein, vai mostrar que todo mundo largou todo esse legado espiritual e só ressurgiu graça ao Guénon. Em parte, é verdade, mas ele não diz que isso está sendo contado desde um ponto de vista de uma certa estratégia global. Então digo que este livro é maravilhoso, noventa e nove por cento dele é verdadeiro mas o um por cento que falta é decisivo.

(...) Está na hora de praticar com eles aquilo que um velho ditado – islâmico, por sinal – recomenda: “Não pergunte quem sou, mas receba o que te dou.”

Todo este legado que fizeram, vamos pegar e dizer: “agora é nosso”. E na hora que percebe que é seu, você percebe que ele que nunca foi perdido, na verdade: saiu apenas da esfera pública, mas no fundo sempre teve gente que ficou consciente de tudo isso. Só que não tinham vez no Vaticano, nas universidades, em parte alguma. Como Louis Charbonneau-Lassay, por exemplo.

Se o Papa, em vez de fazer isso, prefere esboçar um vago reconhecimento dos direitos de propriedade islâmicos sobre o simbolismo cristão da natureza, é que ele ainda padece daquela timidez autohumilhante que reluta em afirmar vigorosamente o primado da cristandade nessa área.

Em que os islâmicos podem ter contribuído originalmente para o simbolismo da natureza se em toda a sua arte o figurativismo é proibido? Onde estão os animais, as plantas, os seres humanos, as paisagens, tudo? Não tem nada, só tem letra. O simbolismo islâmico da natureza é zero, pegaram tudo do Ocidente e agora estão nos devolvendo e dizendo que é deles. Na

verdade, não dizem, mas fica insinuado. Como são os portadores, fica como se fossem eles também os vendedores do produto.

Vocês não vão encontrar esta explicação em lugar nenhum, ninguém no mundo percebeu esta coisa. Para eu perceber, paguei um preço muito alto. Porque não é coisa que vai encontrar em livros: tem de ir lá e ver; só se ver, você sai queimado. Quando digo estas coisas para vocês, estou indicando um caminho que ainda está aberto, que pode ser percorrido e que vai passar por um imenso trabalho. Isto transcende infinitamente a situação do Brasil, isto é a situação do mundo. Porém, se os nossos intelectuais que estamos preparando não estiverem aptos a enfrentar problemas em uma escala mundial, também não vão fazer nada pelo Brasil.

A grandeza da inteligência é a maior arma que existe, nada resiste a isso: quem for mais inteligente e enxergar mais acaba vencendo, mais dia menos dia. Não em vida, que o poder intelectual não é um poder pessoal jamais. Frequentemente, o efeito que você faz vai se propagar muito tempo depois de você estar morto, como Aristóteles, por exemplo. Ele começa a imperar no Ocidente mil e seiscentos anos depois de ter morrido, nem ficou sabendo. Mas é isso que interessa, é o aspecto sacrificial que existe no combate intelectual. Não estamos fazendo nada para nós mesmos, não seremos reconhecidos, e pouco importa. O que importa é ganhar a briga e não ser aplaudido.

O prazer de criar uma influência histórica decisiva sem que ninguém saiba – um prazer que René Guénon desfrutou a vida inteira: ninguém sabia quem era ele e estava lá mexendo os pauzinhos e mudando o curso da história. Acho que é um prazer inerente à vida intelectual. Quando Augusto Comte dizia que a vida dos vivos é sempre decidida por algum filósofo morto, tinha toda razão.

\*\*\*\*\*

Ricardo Arada localizou o texto do Bernanos, inclusive a tradução que li na aula 23 do COF. As pessoas não devem se lembrar mais, então vou ler aqui:

“Cada rua, atravessada no tumulto e no deslumbramento, tão logo deixada, vos segue na sombra com uma queixa horrível, pouco a pouco ensurdecida, até o limite de um outro tumulto e um outro deslumbramento, que logo junta à outra a sua voz dilacerante. E ainda, não é essa palavra “voz” que eu deveria escrever, pois somente a floresta, a colina, o fogo e a água têm vozes, falam uma linguagem. Nós perdemos o segredo dessa linguagem, se bem que a lembrança de um acordo augusto, da aliança inefável entre a inteligência e as coisas não possa ser esquecida nem pelo mais vil dos homens. A voz que nós já não compreendemos ainda é amiga, fraterna, apaziguadora, serena. O homem lírico, no grau mais baixo da espécie, que o mundo moderno honrou como um Deus, acredita risivelmente tê-la restituído, não tendo libertado a natureza dos silvanos, das dríades e das ninfas fora de moda senão para soltar aí o rebanho inteiro das suas mornas sensualidades. O mais forte dentre eles, já estrangulado pela velhice, preencheria as ruas e as florestas com a sua infatigável lubricidade. Atrás dele, a massa dos discípulos correu, como quem come, à solidão sagrada, no sonho abjeto de associá-la às suas digestões, à sua melancolia, à sua decepção carnal. O contágio, aproximando-se pouco a pouco, estendeu-se até os antípodas: a ilha deserta recebeu as confidências deles, testemunhou seus amores, retiniu com seus grotescos soluços ante a velhice e a morte. Não há pradaria, resplendente de luz e de orvalho no candor da aurora, onde você não encontre os traços deles, como papéis sórdidos grudados nos postes em uma segunda-feira de manhã.”

Todavia, se está no homem impor a sua presença e os signos da sua baixeza à natureza, nem por isso ele se apodera do ritmo interior dela, da sua profunda ruminação. Ele encobre a voz dela, mas ele a interroga em vão (...)."<sup>9</sup>

Aí é a substituição da verdadeira linguagem da natureza pela linguagem projetiva, por figuras de linguagem com as quais os seres humanos usam os elementos da natureza como alegorias das suas paixões mais vulgares, mais idiotas. Está na aula 23 do COF.

*Aluno: Qual é a relação da dialética da absorção, da qual o senhor fala, com a filosofia positiva do Mário Ferreira dos Santos?* [1:20]

Aí é diferente porque o Mário tentava fazer era uma coisa que se poderia chamar de "unidade transcendente das filosofias": acreditava que havia um certo número de teses filosóficas que eram subscritas, explícita ou implicitamente, por todos os filósofos do mundo. E que era possível reunir e formular isto e isto seria exatamente o conteúdo da própria filosofia dele, que chamou primeiro de 'filosofia concreta' e depois de *mathesis universalis*. Não estou dizendo que a filosofia medieval fez isso, estou falando de uma absorção de símbolos da cultura antiga e não de filosofias. A coisa não se deu na esfera de uma absorção doutrinal, da absorção cultural de símbolos. No livro de Friedrich Heer, *A História Intelectual da Europa*, você pode ter uma ideia da importância absolutamente fenomenal da simbólica pagã na construção da civilização cristã. Estes símbolos permaneceram, e permanecem até hoje, estão presentes de algum modo em todos os elementos culturais, só que se tornaram incompreensíveis para o habitante da civilização urbana.

*Aluno: Lia muitos poetas românticos brasileiros na minha adolescência e ficava impressionado com Casimiro de Abreu comparando sua alma com uma florzinha solitária ou com 'um pé de riacho que corre'. Hoje acho tudo isso muito engraçado e, admito, meio besta. (...)*

Olavo: Eu também. Exatamente o que o Bernanos está falando: o sujeito não capta a linguagem da natureza mas acha que ele mesmo é uma florzinha à beira do riacho.

*Aluno: (...) No entanto, gosto muito de alguns poetas que usam metáforas naturais para representar certos movimentos do espírito, como, por exemplo, Bruno Tolentino: "o amor quer dar apaixonadamente laços à luz solar e é noite de repente", Juan Eduardo Cirlot, Antônio Machado (...).*

---

<sup>9</sup> Trecho original: *Chaque rue, traversée dans le tumulte et l'éblouissement, sitôt quittée, vous poursuit dans l'ombre d'une plainte affreuse, peu à peu assourdie, jusqu'à la limite d'un autre tumulte et d'un autre éblouissement qui joint bientôt à l'autre voix sa voix déchirante. Et encore, ce n'est pas ce mot de « voix » que j'écrirai, car la forêt, la colline, le feu et l'eau ont seuls des voix, parlent un langage. Nous en avons perdu le secret, bien que le souvenir d'un accord auguste, de l'alliance ineffable de l'intelligence et des choses ne puisse être oublié du plus vil. La voix que nous ne comprenons plus est encore amie, fraternelle, faiseuse de paix, sereine. L'homme lyrique, au dernier rang de l'espèce, que le monde moderne a honoré comme un dieu, croyait risiblement l'avoir restituée, n'ayant délivré la nature des sylvains, des dryades et des nymphes démodées que pour y lâcher le troupeau de ses mornes sensualités. Le plus fort d'eux tous, déjà pris à la gorge par la vieillesse, remplissait les rues et les bois de son infatigable lubricité. Derrière lui, la foule des disciples s'est ruée, comme on mange, à la solitude sacrée, dans le rêve abject de l'associer à ses ventrées, à sa mélancolie, à sa déception charnelle. La contagion, gagnant de proche en proche, s'est étendue aux antipodes : l'île déserte a reçu leurs confidences, témoigné de leurs amours, retenti de leurs grotesques sanglots devant la vieillesse et la mort. Nulle prairie, ruisselante de lumière et de rosée dans la candeur de l'aube, où vous ne trouverez leurs traces, comme des papiers sordides, sur les pelouses, un lundi matin.*

*Toutefois, s'il est dans l'homme d'imposer sa présence, et les signes de sa bassesse à la nature, il ne s'empare pas de son rythme intérieur, de sa profonde rumination. Il couvre la voix, mais il l'interroge en vain ...*

Olavo: Há tão grandes poetas. Algo da linguagem da natureza permanece neles, é impossível que não. Mas é justamente isso que vai distingui-lo do lírico comum.

*Aluno: (...) Considerando estes poetas que, acredito, usaram bem as metáforas naturais, como posso saber se também as estou usando bem ou se estou caindo na burrice tão duramente criticada por Bernanos?*

Olavo: Não sei, aí só lendo escrito por escrito que você fizer, não tem outro jeito. Vai ter de arriscar. Pode enviar algum escrito de vez em quando para ler e, um por um, eu posso dizer. Às vezes, a gente tem umas gratas surpresas. Ontem, li um soneto escrito pelo Jelcimar Júnior – o soneto é a meu respeito, mas não é por isso: está muito bom, melhor do que poderia esperar.<sup>10</sup>

Tenho feito várias descobertas auspiciosas: Adrilles Jorge, Érico Nogueira, agora Jelcimar Júnior. Vai aparecer muita gente, deste curso vai sair a nova poesia brasileira, não tenham a menor dúvida. Alguns estão ainda se preparando. Não tenham pressa, isto não é uma coisa tão urgente assim. Tem de esticar o estilingue antes de soltar a pedra. Eu recomendo que os poetas se exercitem na mais estrita métrica possível. Quando dominarem isso, aí começa a inventar outros métodos e combiná-los.

*Aluno: O assunto 'simbólica', das aulas 300 e 301, pode se referir a eventos descritos abaixo:*

1. *"O Papa Francisco e crianças soltam um pombo branco que é atacado em pleno voo por uma gaivota."*<sup>11</sup>

2. *"Papa Francisco perde seu solidéu por forte vento ao desembarcar na Bolívia e depois recebe o crucifixo comunista."*<sup>12</sup>

---

<sup>10</sup> SINCERIDADE TOTAL (Ao professor Olavo de Carvalho)

Desejo ser na vida a explicitude  
da frase literal que te arrebatou,  
a franca transparência estupefata  
dos gumes das espadas da virtude.

Sentença firme, honesta em plenitude,  
clareza, que a malícia desbarata;  
um raio luminoso, a conta exata,  
potência transformada em ato rude.

Serei, dizendo o mais num termo só,  
na força impetuosa da verdade,  
o acinte descarado, que sem dó

massacra a enganação sem piedade,  
golpeia o engodo torpe até o pó  
com punhos de sincera honestidade.

<https://olavodecarvalhofb.wordpress.com/2015/07/31/jelcimar-junior/> - Acesso em 10/10/2017

<sup>11</sup> <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/01/pomba-libertada-por-papa-francisco-e-atacada-por-gaivota-no-vaticano.html>

<sup>12</sup> <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/07/sou-um-homem-perdoado-diz-papa-francisco-a-presos-bolivianos.html>

<http://www1.folha.uol.com.br/paywall/signup.shtml?http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/07/1655045-papa-diz-nao-ter-ficado-ofendido-com-crucifixo-comunista-dado-por-evo.shtml>

3. *"O raio que aparece sobre a Capela Sistina quando da escolha do novo Papa e que a mídia e todo mundo reportou."*<sup>13</sup> (N.T.: o raio apareceu quando da renúncia do papa Bento XVI)

Olavo: Não tenha dúvida de que mil anos atrás todo mundo veria um sentido simbólico nestes fatos. Só que é difícil interpretar simbolismos isolados: se perde o sistema inteiro, daí entra na especulação. O pessoal vive toda hora vendo simbolismos bíblicos em toda parte, mas só vejo anarquia nisso aí. Eu não me sinto qualificado para interpretar símbolos neste nível, mas por exemplo, se pegar casos que são evidentes – que não têm um sentido polêmico, não está falando mal de ninguém etc. –, se estudar o simbolismo dos milagres, aí você vê que o símbolo não é uma figura de linguagem, é alguma coisa real.

Veja os vídeos do doutor Ricardo Castañon e você entende o que se quer dizer com a presença real do Cristo na hóstia. "Presença real" quer dizer presença real: tem lá células de sangue pulsando em um pedaço de pão, isso aí confirmado por tudo quanto é laboratório, esta coisa está acontecendo mesmo. Acontece em um nível que não é visível a olho nu, mas que hoje há instrumentos para observar isto. Por exemplo, o caso da hóstia que caiu no chão e que o padre colocou dentro da água<sup>14</sup>, – que é assim que se faz: coloca na água até dissolver, não pode jogar fora – e daqui a pouco apareceu um líquido vermelho na água. Foi entregue ao doutor Ricardo Castañon, o qual examina aquilo, e vai levando para os laboratórios mais prestigiosos do mundo – levou uma amostra daquela água – e a conclusão do laboratório: disseram que o paciente – ele disse que o sangue era de um paciente – sofreu muito, tortura, desastre etc. Mas a coisa mais estranha é que as células ainda estão vivas, estão pulsando.

Entende a diferença entre isto e uma figura de linguagem? O simbolismo da natureza é uma voz real, pode ser identificada, só que não é assim no chute nem tentando captar intenções divinas atrás de qualquer coisa. Jamais começaria a investigar isso, por exemplo, em casos como este, os que você citou, mas começaria em casos mais óbvios, como os dos milagres do padre Pio, os casos mencionados pelo doutor Ricardo Castañon. Nesses casos você percebe que a voz de Deus na natureza está lá, está realmente presente, é um fato, não é uma figura de linguagem.

Entre isto e uma figura de linguagem existe a diferença de um universo inteiro. O símbolo, você precisa ter uma correspondência real, não é a correspondência completa, porque senão seria identidade. Se você disser que na hóstia tem o sangue de Cristo, eu diria que não é todo o sangue de Cristo. Não é todo o sangue de Cristo, é pouquinho, um aspecto, uma célula. Então há esta relação que não é de identidade mas é analógica. Tem de lidar com tudo isso com muito cuidado: é a ciência mais sutil que existe. Sem muitos anos de estudos dos princípios do simbolismo – dos quais, por exemplo, um livro maravilhoso sobre isso é o do Titus Buckhart sobre alquimia, (*Alchemy: Science of the Cosmos, Science of the Soul*) –, é melhor arriscar não interpretar símbolos, nem mesmo símbolos bíblicos. Aqui (nos Estados Unidos), o pessoal vive fazendo profecias com símbolos bíblicos e dão todas erradas. Agora, de vez em quando, aparece alguém que capta uma constelação inteira de símbolos e aquilo com uma coerência notável, como este rabino, Jonathan Cahn. É um negócio impressionante: foi o único que vi até agora que consegue aplicar simbolismos bíblicos à história presente dos Estados Unidos com uma coerência e solidez, deve haver outros também. Você o encontra no Worldnet Daily. Mas acho que é a ciência mais difícil que existe.

*Aluno: Até que ponto podemos atribuir à doutrina da Sola Scriptura a perda que católicos e protestantes tiveram do simbolismo existente na natureza?*

---

<sup>13</sup> <http://g1.globo.com/mundo/renuncia-sucessao-papa-bento-xvi/noticia/2013/02/raio-atinge-basilica-de-sao-pedro-apos-papa-anunciar-que-vai-renunciar.html>

<sup>14</sup> <https://padrepauloricardo.org/blog/papa-francisco-e-o-milagre-eucaristico-de-buenos-aires>

Olavo: Acho que foi o contrário, que foi a perda do simbolismo é que encontra uma solução provisória na doutrina da *sola scriptura*, porque de fato foi só o que sobrou. [1:30] Alguém fez uma pergunta importante aqui. Ela está organizando a cronologia para seus estudos.

*Aluno: Fazendo a cronologia segundo Aristóteles, após passar pelo imaginário, nos discursos retórico e dialético, ficou uma dúvida: no retórico, devemos colocar como base os livros sobre ideais sociais e idéias políticas e, por sua vez no dialético, os livros sobre filosofia política (...).*

Olavo: Você está certíssima, é exatamente isso. Só que o limite entre uma coisa e outra nem sempre é nítido. Por exemplo, onde você vai colocar o Maquiavel? Para mim, ele está todinho na esfera retórica, mas existem elementos ali que são de filosofia mesmo. Os dois discursos não se fundem mas se misturam. É assim como pegar pedaços de um filme e enxertá-lo em outro: eles não se fundem, não formam um terceiro filme, mas se misturam, assim como nos gêneros literários. Há obras que pertencem a dois gêneros ao mesmo tempo, mas não que estejam fundidos, porque é impossível fundi-los, estão apenas misturados, um em cima do outro. Pode dar a impressão de que é a mesma coisa de que se formou uma síntese, mas não é síntese, é apenas junção: a pessoa está discursando em uma chave e, de repente, passa para outra e depois volta para a primeira. Isso é sempre possível. Nos livros de filosofia, está cheio: o escritor está lá filosofando e de repente coloca lá duas ou três frases retóricas. O seu critério está certo: continue seguindo-o mas sabendo que existem obras que estão em uma posição ambígua.

*Aluno: (...) No discurso lógico analítico, poderia recomendar algum livro ou livro de base para o cronológico neste discurso?*

Olavo: As sumas escolásticas são uma série de pequenos discursos dialéticos, quer dizer, confrontações, cujas conclusões formam um discurso analítico. A *Ética* de Spinoza também é um discurso analítico do começo até o fim. E em suma: onde quer que veja um empenho de demonstração matemática, você está no discurso analítico. Hoje existem, por exemplo, teólogos que falam que vão fazer uma demonstração matemática da existência de Deus. Isto é um discurso analítico.

*Aluno: O senhor diz que nenhum experimento foi feito com êxito em laboratório até hoje no qual diz respeito à evolução. Já leu a respeito do experimento de longo prazo de Richard Lenski?*

Olavo: Sim, li algo a respeito. Ele mostra que existe uma possibilidade de que algumas bactérias que ele acolhe tenham sofrido mutações benéficas depois de cinquenta mil gerações. É uma possibilidade, mas note bem: o conjunto das mutações observadas até hoje, todas foram mutações destrutivas. Se tiver uma que foi positiva – quer dizer, deu ao organismo a capacidade que não tinha antes sem perder as anteriores –, ainda faltam trilhões de experimentos para provar que isso aí teve alguma importância na esfera da evolução geral. É muito pouco. Se há milhares de experimentos que mostram que todas as mutações são destrutivas – elas aumentam a entropia – portanto não são evolutivas de maneira alguma. Mas dizem que há uma bactéria que talvez tenha tido uma mutação positiva ... Eu nunca neguei a evolução: nem neguei nem afirmei. Acho que qualquer sujeito que negar ou afirmar está errado, porque não tem provas de uma coisa nem da outra. E só por estes experimentos eu sei que uma prova é difícil.

Alguém me pergunta se li o *Livro de Mórmon*. Não li, mas existe um estudo de René Guénon sobre isso e que mostra que este livro é um plágio de outro anterior que não tem sentido profético algum. Sugiro que leia isto e está em um dos livros de ensaio dele. É curto mas achei altamente significativo. Quando li aquilo, perdi o interesse de ler o livro.

*Aluno: Qual a sua visão sobre a Reforma Protestante?*

Olavo: Nenhuma. Acabei de comprar uma seleção, *Selected Writings*, de João Calvino. Quando terminar de ler, talvez tenha alguma opinião. Sei muito pouco a respeito e a maior parte das pessoas que estão opinando também sabem muito pouco.

*Aluno: Em relação ao tema das últimas aulas, gostaria de saber se o Opus Magnum de Hans Urs von Balthasar, a trilogia Glória Teodramática e Teológica pode ser considerada uma contribuição importante?*

Olavo: Pode e deve. Não estudei esta obra a fundo ainda mas sei do que se trata. Acho que neste ponto Balthasar estava no caminho certo, embora tenha muitas vezes entrado em especulações heréticas, acredito que aqui ele estava certo. Mas há um livro que se chama *Os Arcanos Maiores do Tarô*<sup>15</sup>, escrito por um padre alemão e Balthasar faz o prefácio. E mostra uma profunda compreensão da cosmologia simbólica medieval ali. Ele sabia do que se tratava.

*Aluno: O simbolismo pode ser descrito como uma forma de entender o mundo, uma vez que os sentidos são limitados pela condição humana?*

Olavo: É claro que pode. Temos de pensar o seguinte: quando Deus criou o mundo, era impossível que não deixasse ali as suas marcas. Estas marcas em parte, são evidentes, em parte, são encobertas, pelo fato de que a criação não é o Paraíso, essa não é o mundo divino. A criação é uma espécie de redução do mundo divino a uma escala bem menor. Então, estes sinais estão ali. E só estão ali para nos ajudar a compreender as coisas.

Há muitas capacidades que os seres humanos têm e que estão ligadas diretamente a esta simbólica: uma certa capacidade de adivinhar as coisas. Se não tivéssemos isto, teríamos morrido há muito tempo. Não conseguiria atravessar uma rua se não tivesse isto. E que estão agindo o tempo todo: é uma coisa tão espontânea que você nem percebe esta operação. Um certo senso das formas todo mundo tem no fundo: quando você, pelo rosto de uma pessoa, percebe quem ela é: percebe a personalidade, o tônus interior, a intenção. Isto aí muita gente tem e altamente desenvolvido. O próprio senso estético: ele não é uma coisa que está no seu cérebro, é uma coisa que responde a formas do mundo exterior. Por exemplo, a capacidade de perceber uma paisagem como se fosse um todo: todo mundo tem isto. Não é que você pegue uma árvore aqui, um tatu-bola ali e monta o negócio: Não. Quando olha a paisagem, você tem uma impressão dela como um todo imediatamente. Como é possível fazer isto?

O simbolismo natural é baseado nestas capacidades humanas, que no fundo todo mundo tem e que não pode perder jamais. Quem perde isso é a cultura, não o ser humano: ou seja, você tem estas capacidades mas elas não têm representação cultural, então depois de um tempo você começa a duvidar delas. Começa a duvidar mas ainda estão ali.

*Aluno: Como abrir a nossa percepção para o plano simbólico, não com o conhecimento livresco apenas, mas como vivê-la realmente?*

Olavo: Tem de começar no aspecto estético, através da arte. Toda arte te dá isso aí. Acho que os estudos de René Guénon sobre simbolismo, que estão espalhadas por toda a obra dele, mas

---

<sup>15</sup> Talvez seja o livro *Meditações sobre os 22 Arcanos Maiores do Tarô* por um autor que quis se manter no anonimato, prefácio de Robert Spaemann; apresentação de Hans Urs von Balthasar; (tradução Benôni Lemos).- São Paulo: Paulus, 1989 (Coleção Amor e Psique). O autor anônimo foi Valentin Tomberg.

sobretudo tem uma série de ensaios sobre símbolos particulares colocados no livro *Os Símbolos da Ciência Sagrada*, que é uma leitura indispensável. Mas note bem: não estou ainda recomendando que leiam René Guénon. Para lê-lo, você deve ter uma cultura filosófica monstro, senão acontece aquele negócio: a esfinge te engole. Você não está decifrando, não está entendendo, ela está te engolindo.

Se for engolido, pode achar um caminho para fora, que nem eu, como o Pinóquio na barriga da baleia, [1:40] mas é arriscar a sorte. Eu recomendo que prepare-se para esta leitura porque vai encontrar pela frente alguém que é ao mesmo tempo amigo e inimigo, é um adversário temível. Mesmo porque nem tudo que ele está fazendo é contra você, uma parte é a seu favor. Para processar isso, bem, para mim, foram vinte anos.

*Aluno: Compreendi no texto na exposição que o senhor propõe um retorno à velha cosmologia, um combate frontal à cosmologia moderna. Pergunto de fato: onde se encontra a cosmologia genuína e tão importante no cristianismo? Está em São Tomás de Aquino, Aristóteles, Duns Scott (...)?*

Olavo: Em grande parte está. A Física de Aristóteles é um dos fundamentos dela, mas existem outras obras ainda mais importantes sobre isso, como, por exemplo, a de Hugo de São Vítor, indispensável. Também o estudo do simbolismo das catedrais, isso aí nunca vai parar. Se começar a usar as dicas que dei no livro *A Filosofia e seu Inverso*, no qual tem um ensaio chamado "Arte sacra e estupidez profana", aí tem uma série de dicas. Se pegar, por exemplo, o livro do Matila Ghyka, *O Número Sagrado*, há um monte de informações ali. Mas ainda o grande legado disto está nas catedrais.

*Aluno: Gostaria de saber o que teria causado o afastamento do assunto 'milagres' no meio dos padres, principalmente quando o associam aos santos. Teria a Reforma Protestante alguma influência nisto?*

Olavo: É possível, mas depois da Reforma Protestante ainda houve, no século XVIII, uma guerra em torno dos milagres porque o pessoal ligado aos intelectuais revolucionários moveu uma guerra contra a ideia do milagre, o próprio Voltaire fez isso. São argumentos que hoje nos parecem realmente pueris e baseados em um profundo desconhecimento do assunto, mas que na época impressionaram tantas pessoas. O que você pensa que os padres são? Primores de erudição, que sabem tudo? Não, são um bando de ignorantes também. Eles veem estas coisas, ficam assustados e se inibem, dizem que não vão mais falar disso, que conservam a fé, mas não vão tocar mais neste assunto. Eu acho que é a inibição, espécie de "espiral do silêncio": tira a vontade do sujeito de argumentar.

Mas um milagre é um fato: argumentar contra um fato já é absurdo por si mesmo. Então você diz: "me dá uma explicação alternativa". Em relação às explicações alternativas, primeiro: "há uma explicação científica". Não, há uma explicação científica possível, hipotética, você não provou a sua explicação científica, então ela não vale nada. Uma suposta explicação científica contra um milagre não vale absolutamente nada, a não ser que prove que esta explicação é a verdadeira e que naquele caso específico foi ela que se manifestou ali e não a ação divina, se é que você compreende o que é isto. Se acha que ação divina é o que viola as leis da natureza, já começou tudo errado, pois quem fez a natureza? Foi o próprio Deus. E porque Ele vai violar suas próprias leis se pode transcendê-las, ou seja, agir em um plano de normatividade mais alto do que aquele que a natureza evidencia. Supondo que você conheça essa normatividade natural, coisa que nunca se conhece.

Por mais que as ciências avancem, tudo o que se conhece da natureza são processos isolados que lhe parecem repetitivos e que contêm uma espécie de legalidade intrínseca. Até um certo ponto, se admitir que não é uma legalidade absoluta mas que é uma legalidade estatística. Se o máximo a que a ciência chega é a constatação de regularidades estatísticas, então isso já quer dizer que o conhecimento dela de qualquer processo em particular é deficiente: "não sei explicar este processo nem aquele, mas no conjunto parecem que vão nesta direção". Isto é o máximo que a ciência pode fazer. Então como vai confrontar isto com os milagres? O máximo que a ciência pode fazer é observar o fato e confessar que não tem nenhuma explicação para aquilo. E se não tem nenhuma explicação, tem de se apegar a que lhe pareça a mais razoável. Isto supondo que as pessoas tivessem feito antes uma fenomenologia dos milagres, coisa que nunca fizeram. Elas partem do princípio que elas sabem o que é um milagre.

Milagre é uma coisa esquisita que os crentes dizem que foi feita por Deus. Isto é o que, em geral, esse pessoal sabe, quer dizer, não sabem nada. Se pegar Daniel Dennett, Richard Dawkins etc., eles têm uma ideia pueril da coisa. A discussão não é séria. Agora, esse pessoal evangélico negam os milagres dos santos, mas não negam os milagres deles mesmo. Toda hora você vê pastores que disseram que fizeram uma cura miraculosa etc. Não fazem isso? Fazem. Falei para vocês de um livro, *Megashift*, de James Rutz, do qual eu gosto, é todo baseado em depoimentos de milagres ocorridos de igrejas protestantes. Muitos milagres aconteceram mesmo, são reais.

Acho ridículo negar o milagre sem tê-lo estudado. Milagre é um fato, não pode ser estudado genericamente, tem de ser caso por caso. Isso é um terreno tão imenso que eu chego a dizer que nunca foi estudado. Nunca houve um estudo em profundidade de um milagre. Acho que o primeiro que foi feito a sério foi este do Ricardo Castañon. A presença do sangue vivo na hóstia arrebenta com toda a biologia, fisiologia etc. Simplesmente não pode acontecer. E se disser que é apenas uma coisa esquisita para qual não temos explicação, como você vai apelar a isto se vem exatamente de acordo com o simbolismo bíblico literal? Cristo disse: "Eu estou na hóstia, estou vivo na hóstia". E quando vai ver, está lá, vivo na hóstia. Qual é a diferença entre o que ele disse e o que você está observando? Para você dizer que tem uma explicação melhor? Você não tem explicação nenhuma e nem pode ter.

Em primeiro lugar, me diga: que instrumentos qualquer ciência dispõe para saber se o acontecimento aconteceu por intervenção divina ou por algum motivo externo à intervenção divina? Então, primeiro, tem de me explicar qual causa que existe externa à intervenção divina, o que acontece no mundo sem ela. Se diz que Deus está por debaixo de tudo que acontece, então acabou, não tem meios de fazer esta distinção. Ah, foi uma intervenção de acordo com as leis da natureza ou fora delas? Você não sabe quais são as leis da natureza.

Então, toda esta conversa é uma confusão mental fora do comum alimentada pelo desejo de defender a fé, seja você católico ou protestante, seja pela raiva que as pessoas têm e pelo medo, terror, pânico que possa existir um Deus e ele ser julgado um dia. Dizem que as pessoas se apegam à religião por temor da morte, digo que não: você foge dela por temor do inferno. "E se esse Deus existir mesmo, estou ferrado?" Está. Não é uma perspectiva das mais agradáveis. Agora, se você é cristão, aí isto te tranquiliza. Mas como? Como vou me apegar a isto por temor da morte se sei que depois dela não vou acabar mas pode me acontecer uma coisa muito pior? E ainda vem o santo e avisa: "97% vai para o inferno". Isto é tranquilizante? Isso é para você ficar aterrorizado, tanto que a Igreja ensina que o temor de Deus é princípio da sabedoria<sup>16</sup>. Primeiro, vai ter de passar por uma fase de terror. E é curioso que esta fase é o que o C. S. Lewis retrata neste livro, na confrontação, não com o Deus cristão, mas com os deuses da Antiguidade,

---

<sup>16</sup> Provérbios 9:10

o Deus verdadeiro só aparece no fim, em três linhas. [1:50] E daí fica vendo que aquele confronto dela com as divindades antigas era um confronto já com Deus, embora não soubesse.

Muito bem, não estou dando mais conta. Ainda não me liberei completamente da doença do carrapato, ainda estou cansado, um bocado cansado. Estou trabalhando em marcha lenta e deu sono eu vou dormir. Até semana que vem e muito obrigado.

Espere, tem um aviso aqui. O próximo curso presencial aqui vai sofrer um incremento: não vai ser um curso, vai ser o Encontro dos Escritores Brasileiros na Virginia. Vocês vão acompanhar, vai ser uma coisa com uma duração muito maior do que um curso, porque são sete ou oito pessoas falando. Vão ter os encontros, vão durar cinco, seis horas. E haverá a possibilidade de quem quiser assistir, vir aqui assistir e também os que quiserem assistir por internet, quer dizer, vai ser aberto para o público. Mas vou cobrar alguma coisa porque trazer sete, oito pessoas e hospedá-las aqui custa dinheiro. Então, ao invés do curso, vai ser o II Encontro dos Escritores Brasileiros na Virginia.

Acredito que estes acontecimentos são acontecimentos culturais de primeiríssima grandeza, porque é nisso aí que estamos preparando a futura cultura brasileira. E vai ser talvez em novembro, não tenho certeza ainda. Estou dependendo da disponibilidade de viagem de cada um, porque não coincide sempre. Tenho de achar uma data na qual todos possam. Depois, mais tarde, vou avisá-los de novo.

Transcrição: Tamas Souza  
Revisão: Rafael Barboza